- ANO 1.º LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1922 N.º 294

Diario de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

FÓRA DOS NOSSOS HABITOS

"O Tempo" ou o jornalismo convertido em escola de torpezas

Pessoas de bem alvejadas por um traficante da pena

Norberto de Araujo, no vibrante e enternecedor discurso que ontem proferiu no almoço do «Café Tavares», disse a todos os seus colegas que a imprensa é uma prática de sacrificio.

Nós que nos impuzemos a missão de desafrontar Lisboa e o país das campanhas estercorarias de *O Tempo*, compreendemos as suas belas palavras na sua dolorosa realidade. Aquele que queira honrar a sua pena tem que subir calvarios, pisar monturos, varrer cavernas e defrontar-se com a propria sombra de Judas.

Ha horas doces, luminosas e cordiais para um jornalista, mas tem que as conquistar á custa dos seus nervos e do seu proprio coração.

Quem nos diria a nós, ao fundarmos, num momento de entusiasmo alegre, este irrequieto e ridente *Diario de Lisboa* que teriamos um dia de chamar ao *Tempo* tudo o que ele significa de podre e vesgo na sociedade portuguesa! Nós a termos de forçar a caverna do Caco! Quem diria!

Emfim, sufoquemos o nojo, a repulsa, a colera e sejamos serenos, daquela serenidade que é necessaria para vingar a verdade e a justiça de tantos contactos nefandos. Ha muito que pessoas amigas nos incitavam a abater a audacia desavergonhada da gazeta impudica; nós recusámo-nos sempre, porque nunca andaramos em caçadas em que se persoguem lobos ou javalis.

Não havia, porventura, outros de pulsos mais rijos?

Quando, porém, na quinta-feira passada, vimos que *O Tempo* não hesitava em sugerir ás turbas ignaras a ideia criminosa de se pendurarem em candieiros uns tantos homens, não hesitámos. E aqui estamos decididos a ir até onde chegue o nosso esforço. *O Tempo* sempre se assinalou, entre os demais jornais, pela sua total falta de escrupulos. Foi ele que trabalhou, com as suas acusações e calunias, para que o *Dente d'Ouro* e os seus socios pudessem estabelecer os itinerarios da noite tragica. Com os seus numeros na mão, eles conseguiram bater a algumas portas, esperando surpreender numerosas vitimas.

Nos tempos do dezembrismo, ele mostrava-se incansavel em enxovalhar, macular e injuriar os republicanos, aplaudindo resoluto a guerra de exterminio que se lhes movia. Deve-se-lhe só a ele a atmosfera de odios que tornou possivel tanta desgraça — mesmo a maior de todas.

Na sua certeza de impunidade, intitulava-se republicano para sarcasticamente infamar Afonso Costa, Bernardino Machado, Antonio Maria da Silva, Alvaro de Castro, Germano Martins, Norton de Matos e Brito Camacho.

Nunca se viu tamanha petulancia!

Ha tempos passou-se para os arraiais monarquicos. Muita gente julgou que o facto de tomar posição num partido em que ha altos principios de honra e honestidade, com respeitoso culto pelo passado, aliado a um vivo sentimento das glorias de Portugal, lhe faria mudar a compostura e o trombil. Isso sim! Para efeitos de rapina, apressou-se logo a declarar que era monarquico... independente.

—Oh da guarda!

Então o facto de se ser monarquico não é titulo mais que bastante para afirmar independencia?

Todos nós sabemos qual o motivo desta reserva... Oh! se sabemos!

Como é que *O Tempo* havia de tornar-se entendido dos cofres onde se guarda dinheiro, se não procedesse assim?

* * *

Só hoje podemos ocupar-nos de *O Tempo* de sabado, que voltou para o nosso jornal as suas ejaculações. Primeiro que tudo, entendemos declarar-lhe que daqui não tira nem cinco réis. Fica prevenido—nem um real. Busque por outro lado, se quizer, porque ainda ha covardes que se aterram com os seus clamores desentoados e rapaces. Nós, não!

* * *

Em que pagina do *Diario de Lisboa* é que nós o apontamos ao governo para o suprimir? Julga *O Tempo* que temos qualquer proposito de afivelar a sua mascara? Nós não denunciamos ninguem. Ha quem se entregue a esse triste mister, mas não o *Diario de Lisboa*. O governo mesmo ha de ter outros cuidados mais nobres. A policia e a Boa Hora dão bem conta do caso.

Com uma boa vassoura, póde executar-se no edificio de *O Tempo* a mesma obra de higiene que Hercules levou a cabo nas estrebarias de Augias.

Se o chamamos agitador veja-se na palavra um sentido pejorativo para ele, porque ha agitadores, guiados por principios e ideias justas, muitos dos quais até trabalham por regenerar a sociedade, a fim de que não sejam possiveis os vicios de que se nutre *O Tempo*, que prega a guerra aos argentarios para tambem apanhar a sua fatia.

* * *

Mente *O Tempo* quando diz que a sua tiragem é a maior dos jornais da noite. A do *Diario de Lisboa* é bastante superior. Impressos ainda ha pouco na mesma maquina—a da *Patria*, esta acusava, rigorosamente, uma grande diferença a nosso favor.

Tambem mente, elevando a quinze, o numero dos nossos redactores. Sete sómente, incluindo o pessoal externo. A primeira pessoa a entrar na redacção é o director e um dos ultimos a sair. Trabalha permanentemente, mal podendo receber os seus amigos. Agora aqui muito para nós:—«Porque *trabalha* o director de *O Tempo* 18 horas por dia?»—Como as suas campanhas são geralmente sobre o mesmo assunto, era melhor fazer uma fartissima tiragem no principio do ano e lançá-la depois no mercado, vagarosamente, conforme as necessidades da vida. Economisava tempo e até talvez pudesse, de vez em quando, dar-se uns ares de virtude, tomando o fresco pelas ruas centrais da cidade. O director de *O Tempo* ganharia muito em ser visto...

* * *

Não creia *O Tempo* que exista, entre nós, qualquer polemica ou discussão. Desiluda-se. Não se trata de campo raso ou estacada. Para isso exigem-se campeões, armas e sentimentos que, lutando, se honrem mutuamente. Osgas não se atacam — esmagam-se.

* * *

Que é pobre—afirma o director do *O Tempo*. E nós tambem. E mais alguma coisa —somos honrados. Ainda não estivemos em Africa doze anos, mas tambem nunca ninguem se lembrou de para lá nos querer enviar.

* * *

Mas vamos lá ao mais importante. *O Tempo* não se peja de escrever que, por nosso intermedio, fala a casa Pinto & Sotto Mayor.

Que grande tratante!

Então para escavacar um jornal de tão baixa moral é necessario uma ordem de qualquer banco? Basta um movimente de consciencia, um grito d'alma, um fervor de indignação. Como *O Tempo* só se move por dinheiro, julga que os outros são seus semelhantes. Desgraçado, diz falar em nome do povo, como se a sua boca não envenenasse esta palavra!

Julga ele, por acaso, que o povo é comestivel?

A Casa Pinto & Sotto Mayor não alimenta com os seus caudais de escudos o *Diario de Lisboa*. Saiba-o o director de *O Tempo* e todos os que lhe copiam a linguagem e o gesto. Quere experimentar uma coisa? Escolham-se peritos que venham examinar as escritas das nossas respectivas administrações, para se apurar qual é honesta. Se lhe agradar é só pedir. Quem não deve não teme. *O Diario de Lisboa* não receia a luz do dia nem o olhar severo da justiça. Em nossa casa, é tudo franco e claro. Se pudermos contribuir para *O Tempo* se corrigir, na hipotese de se alcançar ainda tão extraordinario milagre, levaremos a nossa piedade até tal extremo.

O *Diario de Lisboa*, no principio da sua existencia, pertencia exclusivamente ao seu director. A certa altura, os seus amigos, percebendo que o jornal tinha bastantes esperanças de viver, constituiram uma sociedade anonima, a fim de concorrem para o seu desenvolvimento. A sua situação juridica é, pois, legal e a sua situação material a que lhe asseguram os seus anunciantes, os seus leitores e assinantes, que pertencem á fina flôr de Portugal.

Ousará *O Tempo* confessar-se com esta franqueza?

Nós não pescamos quotisantes nem accionistas ou protectores nas cavernas do Pinhal da Azambuja.

Entre os muitos amigos do *Diario de Lisboa*, conta-se o sr. Antonio Vieira Pinto—um perfeito homem de bem que, no seu país e no estrangeiro, gosa de um nome absolutamente imaculado. Só *O Tempo* o odeia, mas, como é sabido, este é do tamanho e qualidade das cubiças do seu director. Se o publico soubesse já as rasões deste odio... Mas ha-de conhece-las e brevemente!

O Tempo desejaria que um crime eliminasse o sr. Antonio Vieira Pinto, porque o receia como o espectro fatal dum remorso. O que não tem inventado para isso!

No seu numero de quinta-feira passada, chega a afirmar que ele iniciou a sua carreira como vendedor de cautelas e jornais. E' um embuste em toda a linha, mas, se fosse verdade, seria uma honra para um homem de condição humilde que aos trinta e dois anos se acha triunfante, sem agravar fôsse quem fôsse.

O que todos os educadores necessitam recomendar aos seus pupilos é que nunca sejam o que o director de *O Tempo* é actualmente —um traficante da imprensa.

Outra da mesma especie: em tempos, o director de *O Tempo* não hesitou em afirmar que, se o sr. Sotto Mayor consentiu em se associar com o sr. Vieira Pinto, foi porque o pai deste fazia nos jornais uma campanha terrivel contra aquele. Que formidavel intrujice! O pai do sr. Vieira Pinto, um trabalhador que com tanto amor e carinho ensinou o culto da honra e do trabalho a seus filhos, não só não conhecia o sr. Sotto Mayor como morreu muitos anos antes de se estabelecer a casa Pinto & Sotto Mayor.

Mas de que vale tentar esclarecer a má fé e a ignorancia pretenciosa?

Se o director de *O Tempo* tivesse queda para ser justo, iria preguntar aos sobreviventes das vitimas da Murtosa quem os socorreu na sua desgraça. Que bençãos! que protestos de gratidão ele não ouviria, ao pronunciar-se o nome do sr. Antonio Vieira Pinto! Quantas lagrimas não enxugou o seu dinheiro benefico! Quantos lares se não reconstituiram já!

O director de *O Tempo*, porém, não é para romagens de simpatia. Todo ele é facas e punhais contra as pessoas de bem, porque o comprometem.

O seu mundo—a gente que lhe convém— serão os presidiarios?

Mas oiça mais ainda para sua eterna confusão. Depois do 19 de Outubro, um banco de Madrid, o *Hispano-Americano*, expediu uma circular aos seus clientes, avisando-os de que deveriam retirar os depositos em moeda portuguesa que tivessem na sua séde ou sucursais, porque Portugal passava a ser, como a Russia, um país sem crédito internacional. As agencias espalharam a noticia por toda a parte. O sr. Antonio Vieira Pinto achava-se em Paris e aí soube do que se passava. Correu a Madrid e, apresentando-se na séde do banco, clamou contra a deploravel circular. Invocou o crédito incontestado da sua casa, que era muito superior a qualquer susto ou panico. Nada mais foi necessario: a direcção do *Hispano-Americano* mudou de resolução, continuando a ter confiança na finança portuguesa.

Isto sabe-se na legação de Portugal em Madrid e no nosso ministerio dos Estrangeiros existe certamente uma comunicação a tal respeito.

O sr. Antonio Vieira Pinto, no dia em que o Estado necessitar do apoio patriotico dos nossos Bancos há de mostrar que a sua casa, sem alardes nem espalhafatos, honra Portugal. E' de crêr que *O Tempo* não queira assistir a tal espectaculo, visto que a sua especialidade não é admirar nem aplaudir.

* * *

Vamos ler o numero de *O Tempo* de hoje, segunda-feira, para apreciarmos as colunas de prosa espinhenta em que pela milesima vez se propõe analizar a posição da casa Pinto & Sotto Mayor, no caso da Agencia Financial. Teremos um acervo de asneiras e infamias.

Como, porém, o *Diario de Lisboa* é mais amigo da Verdade do que dos seus proprios amigos, pedimos daqui ao sr. ministro das Finanças, que é um homem honrado, entre os que mais o são, que publique toda a documentação relativa ao celeberrimo caso, para que acabe de vez a mais desleal campanha jornalistica dos ultimos anos.

—Dôa a quem doêr, sr. Portugal Durão, atire para a publicidade com toda essa papelada, para que o director de *O Tempo* se confunda na imensa treva em que definha e emagrece, á busca de viveres.

A EXPOSIÇÃO DO RIO

O catalogo das industrias

Reuniram sexta-feira, na séde do Comissariado Geral da Exposição do Rio de Janeiro, os representantes das industrias tipograficas e os representantes da industria produtora de papeis de impressão, que haviam sido convocados pelo comissario geral, a fim de se tratar dos elementos que comporão o Catalogo do Pavilhão das Industrias Portuguesas do Rio de Janeiro.

Compareceram varios representantes, aos quais o sr. comissario explicou o seu desejo de ver tal catalogo realizado pela industria portuguesa para que venha a ser a prova mais evidente do progresso das artes graficas em Portugal.

Examinou-se detalhadamente a «maquette» do catalogo devida a Leal da Camara e que será uma obra notavel, ficando combinado aguardar as varias propostas que os mesmos representantes apresentarão até á proxima segunda-feira.

Os fabricantes de papel tambem enviarão até esse dia as amostras e o tempo e preço indispensaveis á sua fabricação.

O serviço tecnico da publicidade do Comissariado já está organizando as paginas de anuncios artisticos que a Agencia Latino-Americana lhe tem enviado.

O CASO DAS MANTEIGAS

E A

CAMPANHA DE 'O TEMPO'

A firma **Martins & Rebello**, visada numa campanha que se vem ha tempo desenrolando nas colunas do jornal «**O Tempo**», e depois de chamada a atenção da direcção deste para a sem razão da mesma, resolveu chamar á responsabilidade o autor dos respectivos artigos, a fim de este, caso não venha a provar a veracidade das suas **tendenciosas** afirmações, ser tido, havido e julgado como **calunniador.**

Instaurado o respectivo processo, por abuso de liberdade de imprensa, veiu nele assumir a responsabilidade dos referidos artigos o director do mesmo jornal, Simão de Laboreiro, não indicando assim o verdadeiro nome do autor dos mesmos artigos.

Pena é que assim tenha sucedido, pois muito desejava saber a firma alvejada se seria a mesma pessoa que uma vez, na vespera do começo de tal campanha, procurou um dos socios da referida firma, prevenindo-o de que se ia levantar essa campanha e indagando se ele estava disposto evita-la, pagando **certa quantia**—no que não foi atendido—e que, depois de encetada essa campanha, de novo procurou o mesmo socio, fazendo-lhe ver que seria conveniente fazer susta-la mediante **certo pagamento**, sendo então corrido e com um ligeiro **ponta-pé**, que parece... nada o ter maguado.

Martins & Rebello

(Segue-se o reconhecimento.)

RAUL LELO PORTELA
ADVOGADO
Rua Nova do Almada, 18, 2.º
Telefone, C. 2995
LISBOA

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?
Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.
FARMÁCIA FORMOSINHO:
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

"VIENT DE PARAITRE"

Cronica de livros

— POR —

Afonso de Bragança

Um poema epico... no seculo XX — Como um economista troca os zeros pelas musas — Linguagem moderna, mesmo cesareany — Logares de Lisboa muito queridos

Portugal não é um país perdido!

O sr. Quirino de Jesus, que é um economista muito distinto, muito sabedor e lido até á data, como um homem pratico e seco, aparece-nos, não diremos a desmentir essa fama, mas a domá-la com um elemento inesperado e distante, como é a poesia.

O sr. Quirino de Jesus nunca fizera versos, isto é, nunca aparecera como poeta. Não se estreou, como toda a gente, na vida social, com um volume de poesias.

Era apenas economista, absolutamente economista, categoricamente economista.

Todos os que conhecemos o seu nome o tinhamos nessa conta. O sr. Quirino de Jesus era um sujeito todo entre algarismos e tão distante das letras como nós dos cifrões.

Não foi, portanto, sem espanto que tivemos noticia dum livro de versos do sr. Quirino de Jesus e maior foi ele quando soubemos que esse livro de versos era nem mais nem menos em oitava rima e cantava as façanhas de D. Nuno Alvares Pereira.

Não pudemos deixar de esboçar um sorriso—um sorriso em tipo 8, e anunciar a original novidade.

Pois o livro aqui está. E o que é certo, meus senhores, é que ele tem quase 300 paginas, tem XV cantos e é todo, tudo em oitava rima, tendo os versos quasi todos certos, o que denuncia o halito *virtuose* de contas economista, e rimando não quasi todos, mas todos os versos.

Estamos em presença de um poema de forma épica, tal como o cultivaram os nossos poetas e a estabeleceu Aristoteles. Trata-se de um poema directamente inspirado no nosso Camões, cuja forma, o sr. Quirino de Jesus, com um metodo de economista consumado, tratou de assimilar.

Não lhe falta sequer qualquer coisa como o

Estava linda Inez, posta em socego

que no poema do sr. Quirino de Jesus é

Sentares-te, Leonor, aniquilada
Contendo o coração, de maguas cheio

No entanto este tom epico e camoneano não é sempre mantido e o sr. Quirino de Jesus conseguiu fazer um poema que, apesar de guardar as formulas arcaicas de poesia, sabe ser fielmente do seu seculo, não só pela ausencia de poesia, como no vocabulario que é duma expressão e de um caracter que são tudo quanto ha mais seculo XX.

O sr. Quirino de Jesus não pode ser acusado absolutamente de espirito retrogrado. Se, na verdade, o seu poema é feito sobre moldes e com intuitos apenas compreensiveis ha alguns seculos, o sr. Quirino de Jesus soube, no entanto, fazer uma epopeia classica facilmente localizavel no nosso tempo. Ele não se deixou sequer ficar estranho ás correntes literarias dos ultimos tempos e nos seus versos ha vestigios de passagem dos mais modernos processos moralistas, como neste magnifico verso

Era a ordem militar do Hospital

que é, evidentemente, de quem soube ler Cesario Verde.

Esta energia e propriedade de termos estão espalhados por todo o poema, como por exemplo na estancia 32 do canto VI:

Um conselho de oficiais se formava
Cada um lá tendo dois representantes
Casa dos vinte e quatro se chamava...

E nas biografias é que o rigor do sr. Quirino de Jesus teve mais relevo. As biografias são o seu forte, como se verá destas linhas:

Dos arsenais foi logo encarregado
O arcebispo de Braga, Dom Lourenço
Tendo Tolosa e Montpellier cursado
Completava o estudo largo e intenso
Em Bolonha e Paris...

(Est. 34, canto VIII)

Ou então esta:

O nosso chefe em Bomfardim naseido
Foi lá mesmo educado pelos frades

(Est. 25, canto X)

Tambem um dos aspectos que o sr. Quirino de Jesus trata com superior relevo, é o das batalhas. Infelizmente para êle, epoca não tem, como no tempo das navegações, uma grande riqueza de paragens poeticas. Mas o autor do poema vence a dificuldade com galhardia, como se pode ver:

A seis do mês das flôres, acampava
no Lumiar...

.....

Quarenta e quatro barcos já somavam
Ancorados no rio, em travessia
de Santos a Cacilhas...

.....

Posta uma guarnição na praça Almada
Sendo em Cacilhas outra logo aceita

.....

Dai subindo a encosta se chegava
Em linha reentrante ou saliente
Para a Estrela, Campolide e Rato
Onde acabava o grosso do aparato

O poema é todo assim, fortissimo em biografias e em topografia.

O poema *Lusa Gente*, do sr. Quirino de Jesus, é bem o poema moderno, essencialmente pratico e util — não se perde em imagens nem em divagações. E' perfeitamente prosa, com a diferença apenas de ser em verso.

Essa nota moderna no poema vai até ao ponto do sr. Quirino de Jesus abordar problemas que denunciam bem o seu espirito de economista, cioso da sua patria:

Justa elmotaçaria contra o abismo
De tanto monopolio e tanta usura
Felizes leis de bom nacionalismo
Na industria, comercio e agricultura.

Ou nesta passagem:

Portugal hoje tem na sua historia
No poder duma intrinseca energia
No amor de seus filhos pela gloria
Na sua universal economia
Condições para haver total victoria
No prelio pela sua autonomia.
Tudo tem para os brilhos da existencia.
Basta que ele atilise a Providencia!

Com estas considerações optimistas, fechamos esta noticia sobre o poema que o sr. Quirino de Jesus, economista ilustre, quiz perder o tempo a fazer, ignorando que, afinal, a epopeia do seculo XX não é a que ingenuamente tentou cultivar, mas precisamente aquela que cultiva—a Economia...

TELEPHONE, C. 861
JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (F.º)
Especialidade em doces e em chocolates nacionaes e estrangeiros
69, RUA DA BETESGA, 73—LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Baroneza de Rezende, D. Arminda Machado Talone da Costa e Silva, D. Maria dos Prazeres de Castro Pinheiro, D. Maria Hermínia de Castro Monteiro, D. Maria Benedita Cabral, D. Henriqueta Alvares Pereira de Melo (Cadaval), D. Isolina de Lancastre Fiuza, D. Maria Esilda de Bettencourt Sieuve de Menezes, D. Maria Luiza Rosa da Costa.

E os senhores:

D. Carlos de Sousa Coutinho (Linhares), D. Antonio Alvares Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel, Antonio de Melo Campelo, José da Cunha e Menezes Pinto Cardoso, Carlos Oliveira de Sousa Leal e Macario José da Cunha Pinto Cardoso.

Pontos de reunião

Assistencia elegante aos concertos de ontem:

No S. Luís

Madame Fontoura Xavier e filha D. Ana Margarida, madame Padilla e filha D. Maria, madame Herrera y Raitzig, duquesa de Palmela e filhas D. Ana Maria e D. Luiza, condessa de Monsaraz, de Almoster, de Farrobo, D. Sofia Burnay de Melo Breyner (duas) e filhas D. Maria da Conceição e D. Maria da Assunção, D. Maria do Sacramento Alves de Campos (Ameal), D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Antonia Bedeschi Pinto e filha D. Maria Alice, D. Maria da Conceição, D. Beatriz de Lancastre, D. Maria Bruno de Heredia, D. Alegria Vieira de Castro, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Emilia Cardoso Pedreira e filha D. Maria Margarida, D. Matilde Deslandes, D. Gerty Abecassis, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Lice Buzaglo Seruya, D. Ester Buzaglo Feio Folque, D. Elvira Refoios de Matos, D. Flora Bastos Amaral e filhas.

D. Elisa Diogo da Silva, madame Vaz Monteiro e filhas, D. Maria Virginia Tomaz da Costa, D. Catarina Cordeiro, D. Maria da Guia Patricio e filha, D. Maria da Guia, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, D. Sofia de Oliveira Portela, D. Maria Margarida Seabra de Oliveira (Paiva), D. Alda Moura Viana, D. Maria Amelia Alves de Campos de Barros Mendes Moreira, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, D. Maria de Melo e Castro Esteves do Brito e filha D. Maria de Lourdes, D. Maria Natilia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Cantillo, D. Maria Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Luiz Gomes de Andrade e filhas, D. Alda e D. Maria Carlota, D. Raquel da Mota Marques, D. Judite Maria da Costa Luz Barros, D. Carolina Serzedelo, D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, D. Luiza Burnay, D. Angelica Plantier, D. Julia Abecassis Seruya, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty), miss Mabel Florence Petter, D. Izolina, D. Luiza Maria e D. Sarah Fortoarrero da Mota Ferreira Cardoso, D. Antonia Gomes de Faria, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Alda Miranda de Sousa, D. Leonor e D. Luisa Reis, mesdemoiselles Infante da Camara Assis e Ramos, etc., etc.

No Politeama

D. Laura Ivens Ferraz Mendes de Almeida e filhas, madame Aguiar de Andrade, D. Maria Rufina de Abreu Baptista, D. Madalena Cunha, D. Maria Luisa Pereira Caldas Reis Caldeira, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Ana Seixas Pereira, D. Ana Seixas Pereira Sarmento, D. Hercilia dos Santos e filha D. Branca; D. Maria Alice Pereira de Castro e filhas D. Maria Alice, D. Maria de Lourdes e D. Maria Alda; D. Eugenia Maria Teles Pereira de Araujo e filha D. Maria Emilia; D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Filomena Borges Lemarão, D. Maria Augusta Ferreira de Vasconcelos e filhas D. Maria Eugenia, D. Maria Sara e D. Maria do Carmo; madame Lecambe, D. Ema do Mendonça da Silveira Ferrão e filhas D. Maria de Lourdes e D. Maria José; D. Margarida Alice Seixas Pereira, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc.

Assistiram tambem as actrizes D. Lucilia Simões e D. Alda Rodrigues.

Agenda

A nossa «elite» dá «rendez-vous» ámanhã na «matinée» do Cinema Condes e á noite no teatro Chiado Terrasse, recita da moda, primeira em que se representa a peça policial «O rei dos gatunos».

DIVORCIOS Consultas e todos assuntos, com rapidez e economia. Drs. Oliveira e Cupertino. **R. Garrett, 80, 2.º**

DEPURATOL
dispensa...

...o usó das classicas injecções hipodermicas ou intra-venosas (606, 914 e de todas as outras substancias antigas ou modernas (**qualquer que elas sejam**), sempre dolorosas incomodativas e nem sempre isentas de grandes perigos, as repugnantes fricções mercuriais e os mais tratamentos usados no combate da sifilis. O DEPURATOL **só por si** constitue o tratamento mais completo desta perigosissima e contagiosa doença.

Durante o uso...

deste notavel preparado **não se deve usar** de qualquer outro tratamento anti-sifilitico, não só porque essa acumulação poderia trazer inconvenientes, mas tambem porque é necessario aos doentes reconhecer os beneficios do DEPURATOL—produto eficaz e inofensivo em todo os casos! —beneficios estes que, a não ser assim, poderiam erradamente ser atribuidos a qualquer outro tratamento.

Exijam no acto da compra do DEPURATOL o interessante livrinho gratuito: **Perigos da Sifilis e Instruções.** Pedidos em LISBOA, na Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, e no Porto, na Farmacia dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 42, e nas provincias nos seus depositos. Preços: 1 tubo, 3$85, 6 tubos, 21$50. Pelo correio, porte gratis.

Nacional Telef. C. 2040
HOJE HOJE
O encanto das familias
CARTA ANONIMA
A mais graciosa das peças

TEATRO SALÃO FOZ
Empreza Artur Estrela
Companhia Otelo de Carvalho
A lindissima revista propria para familias
GIGA-JOGA
Duas sessões, ás 20,45 e ás 22,30
Estão suspensas as entradas de favor

TEATRO APOLO
Companhia RUAS
BELO SEXO
HOJE—Exito sem rival
O maior de todos

TEATRO CHIADO TERRASSE
HOJE
A peça policial de grande sucesso
O Rei dos Gatunos
(ARSÈNE LUPIN)
Magnifico desempenho
Deslumbrantes scenarios
HOJE

AVENIDA
PHI-PHI
DIA 22 — Festa artistica do actor SANTOS CARVALHO
MISS-DIABO

No Coliseu dos Recreios
A mais formidavel companhia de variedades que tem vindo a Lisboa

O Coliseu dos Recreios continúa a ser o ponto de reunião do publico da capital que ali aflui em massa para admirar os fenomenais, emocionantes e originais trabalhos da grande companhia de variedades que ali se está exibindo e que toda a gente afirma ser a melhor, mais variada, mais completa e mais artistica que tem vindo a Lisboa.

Com um programma formidavel, a notabilissima companhia impõe-se á nossa admiração já pela arte, elegancia e luxo de scenarios, já pelos magnificos e deslumbrantes effeitos de luz e já ainda pela correcção dos seus trabalhos, quasi todos absolutamente novos para nós.

La Pia, a emocionante «Mulher de fogo», a Troupe Elliot Savona, notabilissimos musicos no bem denominado «Jardim da Harmonia», os colossais equilibristas em arame Mijares & Irmão, o fenomeno scientifico Roginoky, os celebres acrobatas Les Turidus que hoje se estreiam em espectaculo de moda e tantos outros numeros constituem um programa digno de ser visto e que ao Coliseu dos Recreios todas as noites leva fartas enchentes.

EPISTOLARIO

Camilo Castelo Branco

escreve uma carta ao poeta Luís Palmeirim

onde o grande escritor, para se recusar de um "lapsus calami", aponta outra a Almeida Garrett

Aos Ex.mos Srs. Dr. Jorge Brandão de Figueiredo Faria, ilustre camiliânista, Henrique de Campos Ferreira Lima, ilustre garretianista.

Ex.mos Srs.

A carta que hoje publica o já famoso *Epistolario* a ambos v. ex.as interessa, pois que, sendo de Camillo, a Garrett se refere.

Cotejando as *Memorias do Conservatorio*, publicadas em 1842, com as duas edições pos-

Camilo Castelo Branco em 1876

tumas dos *Discursos parlamentares e memorias biograficas*, de Garrett, onde foi incluido o *Elogio historico do Barão da Ribeira de Sarzeda*, vemos confirmado o erro apontado por Camillo e que por completo deturpa o que o egregio poeta escreveu!

Outra divergencia fomos encontrar no citado elogio, pois se nas *Memorias* (Pag. 67, *in-fine*) vemos escrito «a expressão rasgada e *resia*» nas aludidas edições postumas achamos «a expressão rasgada e *regia*».

Se a palavra regia ali não tem perfeito cabimento, certo é que desconhecemos o vocabulo *rezia*, que pessoa culta nos afirma existir nos classicos, sem embargo de não encontrarmos tal termo nos bons dicionarios.

Como as citadas *Memorias* sejam criação de Garrett, e este, no dizer dos seus biografos, fosse escrupulosissimo na revisão dos seus escritos, ai deixamos o caso á resolução de competentes.

Ao verberar, tão asperamente, a deturpação no discurso de Garrett, mal pensaria Camillo que tambem uma futura edição de um livro seu daria margem a uma risivel *gafe*.

Na 1.ª edição de *A Corja*, pag. 215, lê-se: «... *elle*... quatro letras inocentes...» Na edição postuma, *Coleção Lusitania*, pag. 87, suprimiram um l na palavra *elle*, ficando três letras mas deixaram a refereneia ás quatro!

De não terem querido bulir com o texto, nem desrespeitar a moderna ortografia, brotou o disparate!

Com subida consideração, de v. ex.as criado muito inutil

Julio Palmeirim

P. S.—São sempre em extremo afaveis as cartas de Camillo a Palmeirim, que «foi um dos escritores contemporaneos mais da devoção do ilustre romancista» (*Camillo Castello Branco*... por Sergio de Castro, vol. 2.º, pag. 252) e a quem ele largamente se refere no *Cancioneiro Alegre*, nos *Narcoticos*, na *Bibliografia*, etc.

Meu querido Palmeirim

Ahi te mando a «Maria da Fonte».

Dá-me a tua opinião... de amigo.

Tens razão no reparo ao meu asserto, mas olha que me parece que escrevi certo e que a culpa cabe ao typographo. Os sñrs. typographos!...

Nos «Discursos» de Garrett, ha annos reunidos em volume (Elogio do Barão da Ribeira de Sabrosa) vem isto.

... «nenhuma academia... fechou ainda os seus conselhos»...

Intrigado com a phrase, ali deslocada fui-me ás «Memorias do Conservatorio», onde o mesmo elogio foi publicado em vida do Garrett e leio:

... «nenhuma academia... fechou ainda os seus cancellos»...

O typographo lá lhe pareceu que cancellos só tinham cabimento na estrebaria que o guardava, e emendou.

É quasi o meu caso.

Apostaria que o meu collaborador de agora é descendente da alimaria.

Porque não vens a Seide fazer-me a tantas vezes prometida visita?

Abraça-te o teu velho amigo

Dez.°, 1885

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

ADVOGADO
FERREIRA DE SOUSA
R. do Crucifixo, 50, 2.º, D.to
Telefone 2680-C

Teatro de S. Carlos
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.
Telefone C. 5063
Concertos da ORQUESTRA FILARMONICA DE MADRID
sob a direcção de Perez Casas, em 9, 10, 11, e 12 de abril proximo
Termina hoje ás 18 horas o praso de preferencia dos srs. Societarios e Assignantes da ultima temporada de opera e sendo em seguida aberta ao publico a assignatura dos logares disponiveis sem compromissos de reserva de marcações.

POLITEAMA
A's 21,30 Telef. N. 3028
A peça em 3 actos de Vitoriano Braga, que todas as noites tem obtido um grande exito
A CASACA ENCARNADA
Em que tomam parte Lucilia Simões, Brunilde Caruson, Erico Braga e Ribeiro Lopes — Enscenação de Lucinda Simões
Domingo, 26 — Concerto extraordinario, pela Orquestra Sinfonica de Lisboa, sob a regencia do maestro FERNANDES FÃO

TEATRO DE S. CARLOS
Companhia Alves da Cunha
de que faz parte a actriz Berta de Bivar
A illustre actriz Angela Pinto
em representações
Direcção artistica de Araujo Pereira
Hoje, ás 21 horas
A VIDA
original de Artur Cohen
Extraordinario desempenho de Alves da Cunha, Angela Pinto e Berta de Bivar
Enscenação de Araujo Pereira

GRANDE HOTEL PORTUGAL
SISTEMA AMERICANO
12, RUA DO AMPARO, 2
LISBOA.
Falam-se linguas
Servico de Restaurant

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Miniatura

Final de acto. — *Chegou de longe. Vinha ofegante, trazia Deus nos olhos fundos de apaixonado e uma ternura de mulher, noviça de amôr, nos dedos de magneticas aspirações. Ela esperava-o. Esta Ela não sei se era mulher, se noiva, se esposa. Era uma mulher de olhos de aurora, humidos com certos beijos que se trocam na hora das despedidas. Ele chegou. Beijou-a como um doido. No lago em calma havia a hora em que os cisnes sonham com a ambição irrequieta de ter azas, e o sol começava a cair, para a banda do seu leito de sombra. Beijou-a mais. Estendeu-se como uma criança no banco comprido de pedra, e deitou a cabeça no regaço dela. Que saudades do regaço dela! Tão macio. Um cisne estendeu o pescoço fundo na superficie azul da agua, e ele fechou os olhos. Adormeceu de doçura. Ela ficou a ver a sua volupia a dormir. Passou a sua mão pela sua face cansada. Abriu-lhe as palpebras, e seguiu por elas, pelos olhos até o intimo da alma feliz. Passou um ventinho e cairam folhas. Ela beijou-o, como a um filho. Ha em todos os amores ideais alguma cousa de Amôr de mãe para um filho. Os cisnes passeavam agora, e sobre a scena, misteriosamente, como num final de acto, descia o pano magestoso da noite. — N. de A.*

Um desfalque de 50 contos e outro de 30

Ainda hoje não foi enviado para o tribunal da Boa Hora, conforme os jornais da manhã noticiaram, Antonio Camacho, autor do desfalque dos 50 contos na casa bancaria Fonsecas, Santos e Viana.

Hoje os agentes acarearam as mulheres que acompanhavam o Camacho.

* * *

Foi enviado para juizo João Candido da Silva, que fez um desfalque de 30 contos numa casa comercial na Rua Nova do Almada.

Sociedade Portuguesa de Administrações

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

E' convocada a assembleia geral ordinaria para reunião na séde da Sociedade, no proximo dia 25 do corrente, pelas 14 horas, a fim de discutir os relatorios dos conselhos de Administração e Fiscal e deliberar sobre as conclusões deste ultimo.

Lisboa, 9 de Março de 1922.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) *Joaquim Nunes Mexia*

CAMBIOS

DIA 20

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	54$000	56$000
Londres, cheque	4 7|8	4 3|4
» 90 d. v.	5	—
Rio Londres	7 11|16	—
Paris	1$014	1$040
Itália	$574	$589
Bélgica	$957	$982
Suiça	2$090	2$209
Espanha	1$751	1$797
Berlim	$040	$045
Holanda	4$247	4$359
Nova-York	11$182	11$476
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	$900	1$000

LISBOA-CIDADE ANTIGA, VAI MORRENDO...

O "Correio-Velho"

casa senhorial no seculo XVIII, repartição de correios e malas-postas no XIX,

sede de organismos sindicalistas e monarquicos actualmente

será, no futuro, ou a sede de qualquer companhia ou a instalação para um novo teatro

E a Lisboa antiga, a Lisboa que nos legou o marquês de Pombal, aqui e acolá salpicada por edificações anteriores ao terremoto, lá vai desaparecendo... Ontem, foi o Arco de Santana, com a sua recordação dos requestadores do seculo XIV, hoje, um hoje que abrange os ultimos anos, velharias inumeras que, sem valor pratico, tinham no entanto o encanto dessas velhinhas de cabelos prateados, todas nossas avós, muito tremulas, muito corcovadas... A fisionomia citadina continúa a modificar-se. Gradualmente, aos poucos, mas vai indo. Agora, é uma gazeta matutina que nos anuncia a venda do *Correio Velho*, aquele casarão antiquado em que todos nós fazemos reparo ao trepar a calçada do Combro. Vendido, é verdade, por quantia parecida com 300 contos. Dele ficarão, se ficarem, as paredes-mestras, solidas, grossas de alguns metros, a marcar-lhe o cunho antiquado, singelo, mas bonito. E o que foi residencia de nobres, epilogará em casa de prazer, *club* ou teatro ou, ainda, em *bureau* de qualquer grande companhia, que negocia em materiais de construção ou sementes oleaginosas...

O que foi o *Correio Velho*? O que é o *Correio Velho*? Consagremos algumas dezenas de linhas a uma faina que é sempre agradavel recordar. A sua construção, iniciada em pleno seculo XVIII, jámais se concluiu. Epoca de grandeza, em que as etiquetas iam ao requinte e em que as minorias aristocraticas viviam numa preocupação constante de beleza, de arte, só ela podia levar o conde de Castro Marim e marquês da Foz a promover a construção de tal vulto. Mas o trabalho fez-se, embora incompleto. E o que hoje é um casarão sem fim, anti-higienico, remendado em todas as paredes, viu os coches dourados, em talha, do seculo da Revolução, franquear os portões e dar saída no claustro, actualmente estilhaçado em pequenas oficinas e moradias, aos nobres de intermináveis cabeleiras empoadas e ás damas de vestidos de cauda longa, solene, magestosa.

Ha livros que recolheram tradições antigas daquela casa. Ali, dansou-se, amou-se, intrigou-se. Os galanteios suaves renderam muito coração e, quantas vezes, entre os acordes das valsas *vieille style* os enredos de namôro golpearam umas almas para que outras se estreitassem melhor... Este passado de duzentos anos, que para os que o viveram talvez revestisse um encanto minimo, levanta-se agora ante nossos olhos, numa tentação que já nos não pode arrastar ao leiloamento de virtudes.

* * *

O palacio Castro Marim—hoje, prosaicamente num *sobriquet* do populacho, *Correio Velho*—fez a vida dos ultimos reinados absolutistas. Veria El-Rey Junot, abrigaria os idiais do *vintismo*, assistiria á guerra civil, discutiria a abolição dos vincolos. Depois, ainda com a familia Mendonça e Menezes abre-se um novo periodo desta historia: o Estado moderno, civilisado, então em principio de organização, arrenda o casarão para instalar os serviços do correio e mala-posta. D'aí, a designação *Correio Velho*. Ainda hoje, no portão de entrada, se observa o desnivel cavado pelos carrejões que, em viagem incomoda de nove dias, levavam d'aqui ao Porto os lisboetas precisados de semelhante visita. Só há uns trinta anos, com a construção da Administração Geral, é que os serviços telegrafos-postais abandonaram a calçada do Combro, da sua passagem deixando escassos vestigios.

* * *

Um assunto que nos interessa, este do *Correio Velho*, porque nele ainda ha uma tradição de jornalismo, dos jornais de ha muitos anos que esqueceram e que nesta vida da letra redonda marcaram um periodo já vencido. Ali esteve instalada a *Folha do Povo*, com amplissimas oficinas e onde se faziam muitos outros jornais que não careciam de instalação propria. Ha graficos, os veteanos da classe, que ainda se lembram disso, assim como das reduzidissimas tarifas que então vigoravam...

* * *

O *Correio Velho*, a despeito dos seus antecedentes aristocraticos, tem tradições de liberdade. Quando João Franco estabeleceu o registo civil, nele se instalou a primeira dessas repartições. E quantos *alfacinhas*, que por ali passaram na consagração oficial do seu amor á mulher que com ele fez vida, ou, então, a receber o baptismo laico, não recordarão, agora, o facto, num enternecimento que lhes fica bem.

A historia do *Correio Velho* termina aqui, quasi. Acabados os jornais, converteu-se numa *ilha*, abrigando nas suas dezenas de compartimentos numerosas familias impossibilitadas de pagar alugueis mais altos. Depois, com a Republica, convertida a vaga aspiração anarquista dos tempos da propaganda numa forte organização sindicalista que começou por se denunciar na Casa Sindical, o *Correio Velho* não escapou á novidade. Os operarios da construção civil ali assentaram arraiais, celebrizando-o na luta travada com a força armada em 1917, quando da intervenção na guerra, luta que, pela sua crueza. vive ainda na memoria de todos. Atrás da construção civil, vieram outros sindicatos; mais tarde, a União Operaria Nacional, recentemente substituida pela Confederação Geral do Trabalho, as juventudas sindicalistas, *A Batalha*... Lado a lado, no outro corpo do edificio, e a marcar um contraste flagrante, as Juventudes Monarquicas e Conservadoras, com o sr. Carvalho da Silva infatigavel no recrutamento de socios...

* * *

Assim acaba o *Correio Velho*. Dum lado, a arder muito, a arder com uma violencia que atrai as atenções gerais, a fogueira leninista; do outro, os poucos carvões que a monarquia deixou em combustão. De futuro, afastado da retina esta historia que vimos de recordar, deve ficar ou a dactilografia de qualquer *trust* financeiro ou as scenografias de um teatro...

L. Consiglieri Sá Pereira.

MONUMENTAL-CLUB
(PALACIO DE S. LUÍS)

A Direcção participa aos Ex.mos Socios que hoje se estreia a afamada «pareja de bailes»

LALY-DINORAH

e na quinta-feira, 23, se realiza o baile da MI-CARÊME

Os Teatros

Atrás do reposteiro

O empresario José Loureiro recebeu hoje um telegrama do Rio de Janeiro comunicando que a companhia Augusto Gomes, que durante muito tempo funcionou no teatro Apolo, se havia estreado no Rio de Janeiro com grande exito. A receita da primeira noite foi de nove contos, moeda brasileira, o que, no nosso cambio, da quinze, mais ou menos...

—O conhecido tradutor teatral sr. Mario Duarte casará em breve com a senhora D. Anita [illegible].

—A actriz Lina Demoel faz parte da companhia de revista que se está organizando para funcionar no Chiado Terrasse.

—Desligaram-se da companhia Alves da Cunha a actriz Berta de Albuquerque, e da «tournée» Emilia de Oliveira o actor Telmo de Sousa.

—Realizou-se ontem no «restaurant» Pinto, do Porto, um almoço oferecido pelo empresario Antonio Castro aos artistas Cremilda de Oliveira, Jesuina de Chaby e Chaby Pinheiro.

Entre outros, assistiram os distintos escritores teatrais Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa e os srs. Carlos Mil... Rocha Brito e Arnaldo Figueira.

— A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho regressa a Lisboa no proximo dia 3. Depois de reorganisada, segue novamente para a provincia.

— Deve ser assignado por estes dias o contracto de aluguer do teatro de S. Luís para a epoca de verão. O maestro Vasco de Macedo será um dos autores da musica da revista «Praxedes» de André Brun, com que se fará a estreia da companhia. A revista tem figurinos do sr. Leitão de Barros (O homem que passa).

— Lucilia Simões faz a sua festa no Teatro Politeama com a peça «La Passante», tradução do nosso colega Manoel das Neves. A recita de Lucilia Simões realisar-se-ha logo depois de subir á scena a peça «A Mascara...

CARTAZ

S. Carlos — A's 21—«A Vida».
Nacional — A's 21,30 — «Carta anonima».
S. Luís — A's 21—«Sua Alteza valsa...».
Politeama — A's 21,30—«A casaca encarnada».
Avenida — A's 21,15 —«Phi-Phi».
Apolo —A's 21—«Belo Sexo».
Chiado Terrasse — «O Rei dos Gatunos».
Eden-Teatro—Não ha espectaculo.
Salão Foz—20,30 e 22,30—«Giga-Joga».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).

São julgados varios industriais de padaria

A defeza do sr. Castanheira de Moura

No tribunal dos açambarcadores, no governo civil, começou hoje novamente o julgamento de varios moageiros, entre eles o sr. João Castanheira de Moura, que, como noticiámos, são acusados de venderem farinha ás pastelarias por preço superior á tabela, para fabricação de bolos.

Como se sabe, o julgamento foi ha dias suspenso em virtude de uns documentos apresentados no tribunal pelo advogado de defeza do sr. João Castanheira de Moura. Hoje apenas se procedeu á leitura das contestações e á hora a que escrevemos estão sendo interrogadas as testemunhas de acusação, na sua maioria fiscais do ministerio dos abastecimentos.

O julgamento ainda não termina hoje.

Cronica financeira

Por absoluta falta de espaço só ámanhã publicaremos a cronica financeira que versará sobre o emprestimo dos 3 milhões de libras.

No conselho de ministros

tratou-se, como sempre, da administração publica

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do interior, desde as 10,30 ás 14,30. Segundo a nota oficiosa fornecida á imprensa, o conselho limitou-se a tratar de varios assuntos de expediente da administração publica.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NA CASA DOS 24

A CERIMONIA DE HOJE

e a eloquente oração do sr. arcebispo de Evora

Na igreja de S. José dos Capinteiros, já o ano passado se realizou uma festa que hoje se repetiu, sob o patrocinio da irmandade «Casa dos Vinte e Quatro».

A quem, porventura, não conheça o que foi a «Casa dos Vinte e Quatro» diremos que se trata da antiga e famosissima corporação das artes e oficios, composta por dois «homens bons» de cada mister, os quais tinham a seu cargo superintender em tudo que dizia respeito aos seus oficios. Eram quem dava o grau de «oficial», de «mestre», e distribuia os «aprendizes» pelas varias casas de oficiais. Tinham atribuições analogas ás da Camara Municipal, e, quando era necessario, diziam directamente ao rei que o procedimento que ele estava tendo não agradava ao povo.

Entre todas as artes e oficios, predominavam a dos carpinteiros e pedreiros, e nesses tempos de religião acesa, as artes e oficios julgaram prudente juntarem-se sob o patrocinio de S. José, ao qual dedicaram aquela igreja e onde todos os anos, por ocasião da festa do Corpo de Deus, se fazia a eleição dos novos vinte e quatro.

Na procissão iam todos os misteres representados por seus eleitos, cada qual com sua bandeira.

Entre as deliberações dos vinte e quatro que regiam a Irmandade e foram confirmados por alvará regio, encontra-se esta passagem que deveria ser colocada em marmore, no Parlamento e outros logares onde os presentes não sofrem da doença de falar demais, da qual se confessavam os vinte e quatro:

E outrosy disseram que davão poder aos ditos juizes para poer a dita pena (uma pesada multa) *aqueles que se desmandarem ou falarem demasiado onde quer que juntos forem. E porque assim o hão por bem e serviço de Deos e d'El Rey Nosso Senhor e bem deles e proveyto e honra de seus oficios.*

De entre as partes que compuzeram aquela festa, uma festa de operarios e mestres de obras que se fizeram representar em larga escala, foi interessantissimo o discurso do sr. arcebispo de Evora.

A proposito do carpinteiro de Nazaré, Sua Excelencia, num estilo burilado, que suavisava a energia das suas afirmações, teve frases de verdadeira reprovação para a sociedade actual, que reclama contra as reivindicações do povo, esquecendo-se de que o trabalho é a lei de todos.

«E os que teem a força, reclamam ordem. Mas ordem, porquê? de que maneira? Disse Santo Agostinho: Dai-me a bondade e dar-vos-hei a paz».

Quando alguem consegue um certo numero de comodidades, logo esquece as reclamações que antes fazia: o que domina nesta agitação febril da sociedade de nossos tempos, é a luta sem quartel pela posse pessoal do bem que devia ser comum. Esta é a verdade, doa a quem doer, é esta a aspiração de todos, ainda que inconfessada.

Os presos por questões sociais

Uma conferencia com o presidente do ministerio

Uma comissão composta de individualidades dos partidos comunista e socialista e representantes de organismos operarios procurou, hoje, o sr. presidente do ministerio, para solicitar que aos individuos presos em S. Julião da Barra por questões sociais seja permitido receber a visita de pessoas de familia. O sr. Antonio Maria da Silva respondeu que, sem vergar-se a sugestões estranhas, já tinha providenciado para que as visitas fossem permitidas

A' conferencia assistiu o sr. governador civil, que da secretaria do interior seguiu com a comissão para a ministerio da guerra, a fim do sr. general Barreto transmitir as devidas instruções para o campo entrincheirado,

A HOMENAGEM A NORBERTO DE ARAUJO

O almoço dos jornalistas constituiu uma bela afirmação de camaradagem

O SIGNIFICADO DA FESTA

Os que assistiram e os que não assistiram

O almoço de ontem, que um numerosissimo grupo de jornalistas ofereceu ao nosso colega Norberto de Araujo, com o pretexto da distinção que o governo italiano lhe conferiu ultimamente, além de ser uma homenagem justissima ao seu brilhante talento de jornalista e de camarada cheio de esplendidas qualidades de caracter, constituiu uma bela afirmação de solidariedade e de camaradagem jornalistica.

Ha muito tempo que se não fazia entre jornalistas uma festa tão sincera, tão brilhante, tão generosa pelo seu significado e, digamos, com um tão acentuado cunho de beleza e até de interesse profissional.

Não se podia ter escolhido melhor ensejo para reunir á volta duma mesa algumas dezenas de jornalistas, que sinceramente se associaram á homenagem prestada a Norberto de Araujo, aproveitando a ocasião para fazer algumas afirmações que andam comnosco, que nós sentimos no dia a dia duma vida de trabalho — de generoso trabalho que na maior parte dos casos fica ignorado — afirmações que nem sempre têm o pretexto de se dizer, claramente, sinceramente, como ontem se disseram.

O almoço de ontem, realçado por um grande espirito de mocidade, por uma alegria que espetava apenas o momento proprio para trasbordar e por um traço tão simpatico de união entre os profissionais do jornalismo, foi mais alguma coisa do que a simples homenagem a um camarada por todos os titulos digno da nossa admiração e da nossa amisade — foi tambem uma bela «étape» na vida profissional do jornalismo.

Simples *reporters* que honram o seu *métier*, jornalistas da velha guarda que conquistaram já o direito á nossa admiração, jornalistas novos que se impuzeram a golpes de audacia e de talento, artistas, directores, gente que vive em perfeita comunhão com os profissionais do jornalismo, todos se associaram de alma e coração a uma festa que era de jornalismo, todos se associaram de alma e coração a uma festa que era de jornalistas e para jornalistas.

Não foi um dia perdido, foi um dia bem ganho para todos: para Norberto de Araujo, porque teve ocasião de ver como o seu nome vale hoje alguma coisa mais do que um artigo de fundo, e para nós todos, sobretudo para os novos, pelos ensinamentos e pelo significado da festa.

* * *

O almoço foi como todos os almoços de gala: homenageado no lugar de honra, pessoas ilustres a presidir e convivas alegres, bem dispostos, com um grande desejo de se tornarem simpaticos a toda a gente e a si proprios.

O dr. Augusto de Castro tem á direita Norberto de Araujo e á esquerda Avelino de Almeida. Em frente, o dr. Joaquim Manso. José Sarmento á direita e Eduardo Fernandes (Esculapio) á esquerda. Nos outros logares, indistintamente, todos os nomes que se inscreveram para o banquete. Estavam representados quase todos os jornais de Lisboa. Quem não foi, escusou-se gentilmente.

O almoço servido pelo Café Tavares, o que aí tem mais tradições de jornalismo e de boemia literaria, foi excelente. A'parte um pequeno numero de convivas, que não tem uma grande simpatia pela cozinha francesa, todos gostaram. Honra ao sr. Manuel Caldeira, o gentilissimo proprietario do Café Tavares.

Tambem o sexteto da casa, sob a direcção do distinto musico sr. Carlos Braga, quiz ter a amabilidade de se associar á festa. Durante o almoço, tocou-se musica portuguesa. Não lhe faltaram aplausos.

* * *

As pessoas que levantaram brindes disseram apenas aquilo que era preciso dizer. Santos Vieira, o nosso distinto colega do *Seculo*, falou em nome da comissão organizadora da homenagem. Damos em resumo o seu brinde:

Quero demonstrar o meu jubilo pelo belo acto de camaradagem jornalistica que ele está constituindo. Norberto de Araujo merece-o, de sobejo, pela riqueza da sua afectividade, pela sua fé, que cria todos os estimulos bons; pelo seu vulto de escritor, invulgar no exercicio efectivo da imprensa; pelas suas faculdades de grande «reporter» e, emfim, pela maneira ilustre e encantadora como honra a sua profissão. E merece-o tanto mais quanto é certo que ele soube representar notavelmente o jornalismo português através da reportagem que fez pela Italia, inesquecivel trabalho que marcou com superioridade ao lado de outras reportagens feitas no mesmo país por outros jornalistas estrangeiros. Foi especialmente para consagrar esta tarefa brilhantissima do nosso camarada que a comissão teve a lembrança desta homenagem. E porque ela está resultando grandiosa, como devia, eu agradeço a afectuosa assistencia de todos os convivas. E, ainda em nome dos meus colegas comissionados, abraço Norberto de Araujo, com um verdadeiro encanto de amisade, saudando-o pelo seu triunfo, pelo prestigio do seu talento, pela gentileza da sua mocidade.

O dr. Augusto de Castro, ilustre director do nosso colega *Diario de Noticias*, brindou em nome do jornal que enviou em missão especial á Italia Norberto de Araujo.

O nosso director, dr. Joaquim Manso, em palavras muito sinceras, falou de Norberto de Araujo como um jornalista moço, que sabe imprimir a tudo quanto escreve o cunho da sua mocidade e da sua altiva independencia.

Eduardo Fernandes (Esculapio), como redactor principal da *Imprensa da Manhã*, depois de ter prestado a sua homenagem ao jornalista, fez um caloroso incitamento á união de todos os profissionais da imprensa.

Brindaram ainda José Sarmento, mestre de jornalismo, que todos os convivas acolheram com uma sincerissima manifestação de simpatia; Antonio Ferro, jornalista moço de brilhantes qualidades; dr. Gomes Mota, advogado, amigo e admirador de jornalistas; Silva Passos, jornalista «doublé» de diplomata, espirito moço com uma tradição de «blagueur» que anda no seu monoculo como a flôr na sua lapela; Paulo Freire, o nosso distinto colega da «Imprensa da Manhã»; Alejo Carrera, redactor correspondente de «El Sol»; Vieira da Rosa, pela «United Press»; o nosso camarada Artur Portela, o mais novo dos jornalistas presentes; Mario Salgueiro, o nosso distinto colega do «Seculo; Afonso de Bragança, num brinde para os raros que o ouviram; Felix Correia, pela «Monarquia»; Erico Braga, em nome dos actores portugueses; José Pacheco, pelos novos contra os velhos intolerantes em Arte; Raposo de Oliveira, o nosso distinto colega da «Vitoria», pela Casa dos Jornalistas; dr. José Pontes, senador e jornalista; Jorge Barradas, Menezes Ferreira e Maximiano de Faria.

* * *

Norberto de Araujo foi o ultimo a falar. O seu brinde, interessantissimo e cheio de vibração, veiu hoje no *Diario de Noticias*. A assistencia sublinhou calorosamente algumas passagens, que damos em notas.

* * *

Norberto de Araujo entende que o jornalismo tem de ser feito com um equilibrado sentido de elegancia e beleza, sentido que não significa o meter a literatura nos artigos de informação e de critica á vida nacional, mas que quere dizer a independencia de caracter, a linha moral, a rectidão de processos profissionaes, a tolerancia de atitudes.

* * *

E' preciso que cada jornalista entre no convencimento do seu valor social, não por vaidade, nem sequer por amor proprio, mas por consciencia colectiva do merecimento de uma profissão, na qual se consomem aspirações, energias, honestidade, beleza, e se queimam talentos, pelos quais ninguem deu, quando eles estavam em plena floração. A belesa

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

NO SALÃO BOBONE

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

da pequena artista Maria Adelaide Lima Cruz

No salão Bobone—quartel general da Arte lisboeta—está aberta uma nova exposição de pintora Maria Adelaide Lima Cruz, que é uma rapariguinha, muito nova, que ha tempos apareceu com uns desenhos muito ingenuos, mas cheios de caracter.

A menina Maria Adelaide Lima Cruz foi tida, desde logo, como um prodigio, se não de Arte, pelo menos de precocidade.

Já anos decorreram e a menina Maria Adelaide Lima Cruz faz a sua 3.ª exposição, que nós tivemos curiosidade em vêr.

Vimos no catalogo que tambem expunha sua mãe, D. Adelaide Lima Cruz. Vimos tambem que a pequena Maria Adelaide era discipula de sua mãe e do sr. Carlos Reis.

Não pudemos dominar o nosso receio de que, logo dois mestres, tenham estragado um pouco o espirito da artistasinha, no que ela tiver, no que ela tem, com certeza, de mais puro, mais pessoal e mais interessante, isto é, a espontaneidade, a *graça*, a observação infantil, a frescura, emfim.

Dum lado da sala estão *oleos*, á primeira vista categoricamente mediocres e até maus. Deve ser o que lhe ensinaram.

No outro lado da sala estão umas aguarelas que tambem á primeira vista são francamente agradaveis de côr—o que é mais de metade de bom...

Na verdade, nesta parede das aguarelas a pequena pintura mantem ainda algumas das suas belas qualidades de frescura e de observação. Os seus desenhos são cheios de *intenção* e de *humor*, como nas caricaturas da poetisa Fernanda de Quadros, muito feliz, e de J. T. que me asseguram estar flagrantissima, além de ser um bom desenho ingenuo.

Grande parte das restantes caricaturas pessoais é muito menos feliz, nem isso interessa grandemente.

O que, infelizmente, pudemos verificar foi que, numa natural ansia de perfeição, a pintora, cujas qualidades são reais, se está a deixar influenciar e por tão maus mestres como são certos preciosos de ilustração, á René Vincent, de quem se não podem tirar senão *receitas*, aparentemente uteis, mas, no fundo, perniciosas.

Ha nesta exposição muitos dêsses desenhos, claramente inspirados nesses autores preciosos. E é pena. Lamentamo-lo sinceramente e pedimos, de mãos erguidas, á pintorasinha que nunca se deixe guiar por aquêles pintores, que a ensinam a *pintar bem* e preferá sempre aqueles que a ensinem apenas a *ver bem*.

Nos modernos pintores franceses tem Maria Adelaide um manancial que não é ainda inexgotavel, mas que é já abundante. Os pintores modernos, que se vê pelos quadros expostos que a pintora prefere, são velhissimos.

Quere isto dizer que não progrediu ou que se abastardou? Não. Ha nalgumas das suas telas uma arte de composição, que é já uma conquista e, acima de tudo, uma graça e uma ternura de côr, um sabio arranjo de tons e de motivos decorativos que a encaminham por um excelente caminho e que a futuram como uma autentica pintora.

Estão neste caso o *Adeus, ó tu!*, o *Psi, venha daí*, a *Japonesice*, os *3 amigos*, *Na praia*, *Euterpe* e a *Sherazade*.

Maria Adelaide Lima Cruz tem, incontestavelmente, talento. Deus a defenda...

* * *

D. Adelaide Lima Cruz expõe 3 quadros a oleo, que os *canons* academicos devem capitular de bons.

A. de B.

Coronel Antonio Maria Baptista

Foi concedido, gratuitamente, á Camara Municipal de Beja todo o bronze que necessitar para o busto do falecido coronel sr. Antonio Maria Baptista.

RELATORIO E CONTAS

DA

Sociedade Portuguesa de Administrações

EXERCICIO DE 1921

Ex.mos Srs. Accionistas

Em harmonia com a nossa lei estatutaria vimos dar-vos conta da nossa gerencia no ano findo de 1921.

Como vereis pelos numeros do nosso balanço, foi muito satisfatorio o resultado das nossas operações.

No ramo «*Administrações*» o nosso incremento é animador, pois, tendo fechado o nosso primeiro periodo, que era de mais de um ano, com 24 administrados, contamos hoje 46, alguns dos quais são clientes de especial importancia.

O auxilio de capitalistas, que em nós depositam uma confiança que muito nos penhora, tem-nos permitido realizar transacções em que, sem nenhum empate de capital proprio, lucramos comissões vantajosas.

E' este um novo ramo de *administrações* muito adaptado á indole da nossa sociedade.

E, no entanto, apesar de assim estarmos lidando com capitais alheios confiados á nossa gerencia, temos tido que pôr de parte algumas transacções, de vantagem evidente, por insuficiencia do nosso capital realizado, que realmente não é senão um quinto do previsto nos Estatutos.

O nosso presado colega no Conselho de Administração, sr. Antonio Vieira Pinto, tendo tido que ausentar-se com certa demora, foi obrigado a fazer-se substituir pelo primeiro suplente dr. Gabriel Pinto.

Não tem, entretanto, a sua ausencia impedido que a casa bancaria Pinto & Sotto Mayor, de que ele é tão distinto Chefe, tenha continuado a prestar-nos o auxilio mais valioso, que é dever nosso agradecer com extremo reconhecimento.

O nosso Presidente Honorario, sr. Candido Sotto Mayor, continúa sendo credor, pela sua valiosissima coadjuvação, do nosso melhor reconhecimento. E o mesmo cumpre dizer do concurso tão prestimoso, que têm continuado a prestar-nos, com o mais zeloso interesse, os nossos conselhos, tanto o Tecnico, como o Fiscal.

Aos nossos empregados cumpre, tambem, que prestemos aqui o reconhecimento do seu assiduo concurso.

Terminando, temos a honra de propôr que, ao saldo da conta de «Ganhos & Perdas», na importancia de Esc. 121.470$62,5 se dê a seguinte aplicação, de harmonia com o art. 40.° dos nossos Estatutos:

Para fundo de reserva legal (§ 1.°)	5.504$03
Para a administração (§ 2.°)	5.504$03
Dividendo aos accionistas, isento de imposto (§ 3.°)	60.000$00
Complemento á Administração (alinea A)	5.504$03
Complemento para dividendo, tambem isento de imposto (alinea d)	20.000$00
Para fundo garantia (alinea a)	2.713$70
Para fundo de regularisação (alinea b)	2.713$70
Saldo para conta nova	19.531$13,5
	121.470$62,5

Lisboa, 13 de Marco de 1922.

A Administração
Domingos Pinto Coelho
José dos Santos Lima
Gabriel Victor Bugalho Pinto

GANHOS E PERDAS

DEBITO		CREDITO	
Despesas geraes e Rendas	36.248$99	Saldo de 1920	11.390$02
Contribuições, Licenças e Custeio de propriedades	8.885$59	Contas de participação e diversos	69.436$69
Lucros liquidos n'este exercicio	121.470$62,5	Comissões, Juros & Descontos e Rendimentos de propriedades	85.778$49,5
	166.605$20,5		166.605$20,5

Lisboa, 31 de Dezembro de 192

O Gaarda-Livros
Arthur Campos

A Administração
Domingos Pinto Coelho
José dos Santos Lima
Gabriel Victor Bugalho Pinto

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1921

ACTIVO		PASSIVO	
Accionistas	4.471$00	Capital	1.000.000$00
Conta de participações	800.300$00	Contas de participação	24.960$48,5
Despesas de Constituição e Instalação	26.823$79	Administrações (credores)	69.131$86,5
Mobiliario e Utensilios	19.791$22	Credores geraes	618.389$03,5
Mercadorias geraes	24.663$22	Dividendos	3.780$00
Propriedades urbanas	195.000$00	Fundo de reserva legal	5.459$90
Propriedades rusticas	40.000$00	Fundo especial de garantia	5.714$22
Delegação no Porto	4.843$62	Fundo de regularização de dividendos	5.714$22
Administrações (devedores)	152.740$38,5	Depositantes de cauções	20.000$00
Devedores geraes	582.327$96,5	Ganhos & Perdas — Lucros liquidos neste exercicio	121.470$62,5
Caixa	3.659$15		
Cauções	20.000$00		
	1.874.620$35		1.874.620$35

Lisboa, 31 de Dezembro de 1921

O Guarda-Livros
Arthur Campos

A Administração
Domingos Pinto Coelho
José dos Santos Lima
Gabriel Victor Bugalho Pinto

Parecer do Conselho Fiscal

Ex.mos Srs. Accionistas

Tendo examinado com regularidade os livros da *Sociedade Portuguesa de Administrações*, que sempre encontrou na melhor ordem, e acompanhado de perto os trabalhos do Conselho de Administração, o vosso Conselho Fiscal só pode regosijar-se com a orientação ponderada e segura que sempre têm seguido os vossos Administradores.

Apesar do capital ser manifestamente insuficiente, para o desenvolvimento da nossa Sociedade, e apesar da crise que atravessa o nosso genero de negocio, são animadores os resultados obtidos em 1921. E', pois, digna de louvôr a vossa Administração.

Temos a honra de propôr-vos:

1.° — Que aproveis o Relatorio e Contas da Gerencia de 1921;

2.° — Que a distribuição de lucros seja feita conforme a proposta da Administração;

3.° — Que aproveis um voto de louvôr á Administração.

Lisboa, 13 de Março de 1922.

O Conselho Fiscal
José Antonio d'Oliveira Soares
Afonso de Melo Pinto Veloso
Carlos Pinto da Cruz e Melo

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

NOVAS DA AMERICA

O "WEST VIRGINIA" E AS FORÇAS NAVAIS

Foram suspensas as construções em Delaware e em North Dakota

AS BASES DO ULTIMO TRATADO

WASHINGTON, 20.

O secretario do Estado Denby ordenou que se prosseguissem os trabalhos no navio de guerra «West Virginia» que se está construindo em Newport, atendendo a que éste navio foi o escolhido para completar as forças navais americanas, segundo as bases postas no recente tratado. O «West Virginia» estava mais adiantado do que o «Washington» e com o «Maryland» e com o «Colorado» quasi completo, estabelecerão a equivalencia com o Japão, que conserva o couraçado «Mutsu». Suspendem-se as construções do «Deloware» e do «North Dakota». Não se tomou ainda qualquer decisão ácerca dos navios que serão transformados em carreiras de aeroplanos.—(U. P.),

A questão do combustivel naval

ST. AUGUSTINE, 20.

O presidente Harding informou o secretario do Estado de Denby, pelo telefone, de que, quando voltasse a Washington, trataria da questão do combustivel naval. A menos que o Congresso não reconsidere sôbre a redução do combustivel naval, serão dadas ordens energicas diminuindo o tempo do cruzeiro dos navios.—(U. P.).

A POLITICA INGLESA

A obra de Lloyd George e a Conferencia de Genova

AS QUESTÕES DA ALEMANHA E AS RELAÇÕES COM A RUSSIA

A politica inglesa apresenta-se actualmente tão ligada á situação mundial, que do caminho que aquela tomar dependerá a orientação desta.

Lloyd George demite-se já ou chega a ir a Genova? Os boatos são tão contraditorios que não podemos chamar-lhe mais do que boatos.

Chegou a dar-se a noticia com a maior aparencia de verdade, de que o primeiro ministro britanico já depositára o pedido de demissão nas mãos do sucessor escolhido. Esta noticia já se encontra desmentida com os mesmos foros de verdade da afirmação, e ao mesmo tempo faz-se saber que Lloyd George só se demitirá depois da Conferencia de Genova.

Guardando uma certa reserva, por causa das surpresas que podem surgir em torno de Lloyd George, julgamos que este se conservará no poder até ir a Genova, e que se o não fizer é porque não encontrou fórma de dominar as vontades dos que a todo o transe pretendem afastá-lo, a fim de tirarem á Conferencia toda a importancia.

A Conferencia de Genova é obra de Lloyd George; ele sabe e todos sabem que da sua presença depende a importancia dela.

E, por isso, o primeiro ministro inglês deseja ir a Genova, ao passo que os seus inimigos, sobretudo estrangeiros, teem o maior empenho em não o ver lá e veriam desaparecer todos os receios, se êle apresentasse já a demissão.

Lloyd George quere que em Genova se trate a Alemanha e a Russia como iguais, e que as relações com estes dois paises, de aí por diante, sejam as mesmas que com qualquer outro.

E para que isto possa ficar assente, é necessario fazer terminar todas as questões por reparações, com a Alemanha, e por divergencias de outra natureza com a Russia, o que equivale a muitas renuncias por parte das nações da Europa.

Das grandes potencias interessadas, uma unica está disposta a essas renuncias: a Inglaterra. Neste ponto a nação está de acôrdo com o seu ministro.

Lloyd George, em Genova, encontrará a seu favor os delegados russos e alemães, assim como a série de neutros, que estão desejosos de poder comerciar com a Alemanha e a Russia, sem os entraves de toda a natureza que resultam da anormalidade da situação.

Ali, com o favor da maioria das nações, Lloyd George deitará abaixo a mascara da diplomacia e dirá á França que tenha paciencia mas que ela bem vê que os interesses ingleses e os interesses mundiais não se podem submeter ao interesse unico da França. E a esta pertence ainda provar que o seu verdadeiro interesse é aquele que defende contra as das outras nações...

A ninguem restam duvidas, e aos mais altos representantes da diplomacia europeia, menos que a qualquer, de que a Inglaterra quere terminar de vez as questões com a Alemanha, e entrar em francas relações com a Russia. Os acordos, as concordatas, as delicadesas diplomaticas, são apenas cumprimentos de estilo a gente bem educada, cumprimenta-se até antes do duelo em que vão matar-se...

Mas a Inglaterra já está farta de cumprimentos, a sua situação interna é cada vez mais grave, e todos, ingleses e franceses especialmente—os pontos extremos da questão—têm a certesa de que em Genova terminarão os cumprimentos e se falará franco, se a conferencia se realizar conforme o espirito que provocar a sua convocação.

Por isso, emquanto uns trabalham por ela, outros trabalham contra. A Inglaterra tem um interesse superior á politica interna, de que Lloyd George vá á Conferencia; a França, por seu lado, tem até a ideia de lá não ir, se vê que decididamente, as coisas tomam um rumo diferente do que ela deseja...

AS GREVES NO RAND

10.000 PRISÕES FORAM JÁ EFECTUADAS

Os dois principais chefes do movimento foram encontrados mortos

ESTARÁ SANADO O CONFLITO?

JOHANNESBURG, 20

Os dois principais chefes dos rebeldes foram encontrados mortos, tendo-se constatado que tinham suicidado. O presidente do Conselho Executivo dos grevistas foi preso. As tropas do governo fizeram já 10 mil prisões. A revolução pode-se considerar esmagada. Muitos directores de minas têm recebido muitos pedidos de emprego.—(U. P.)

Um "ultimatum"

JOANNESBURGO, 20

O alto comando das tropas enviou uma intimação aos grevistas de Forsburg para que num praso de vinte e quatro horas se rendam sem condições, sob pena de bombardeamento da povoação até destruição completa das casas que a compõem.—(L. A.)

SUSPENSORIOS

300 duzias de seda para saldar a..... 7$500
300 duzias d'algodão fita elastica a..... 3$500

CASA DAS MEIAS

DA

RUA DO OURO, 117

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

EM ARMAZEM

Motores electricos

Dinamos

ANPERÓMETROS E VOLTIMETROS

Lampadas, fios, cabos,

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.º

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA

29-Avenida da Liberdade, 39

LISBOA

STRANGERS' CASINO

MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)

BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.ªs, 5.ªs E SABADOS
TERCETO ÁS 2.ªs, 4.ªs, 6.ªs E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.ªs e domingos

NOTAVEIS NUMEROS
— DE —
Variedades e films sensacionais

Brevemente novos atractivos

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

VITAMINA

FERMENTOS indispensaveis á vida

Alimento biologico completo

Especifico do crescimento da criança

DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
LISBOA — 103, Rua Garrett
PORTO — 90, Rua 31 da Bandeira

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

NO TAVARES

O almoço dos jornalistas

e a homenagem a Norberto de Araujo

(Continuação da 4.ª pagina)

do universo é os jornalistas que a fazem, os jornalistas como os presentes, cuja vida de silencio e de renuncia passa ingloriamente como a vida dos artistas ignorados (grande ovação).

* * *

Norberto de Araujo referiu-se ao merecimento intelectual e profissional de alguns jornalistas presentes, que foram entusiasticamente saudados: Rocha Junior, Avelino de Almeida, José Sarmento, Herculano Nunes, Mario Salgueiro, Afonso de Bragança, Antonio Ferro e Eduardo Fernandes (Esculapio) o seu brinde foi calorosamente aplaudido.

* * *

O jornalismo do Porto deu a sua adesão á ideia do banquete, por intermedio do nosso ilustre colega Jorge de Abreu, director do *Primeiro do Janeiro*. Tambem a ela se associaram o sr. dr. Julio Dantas, que por doença não poude assistir e as nossas colegas senhoras D. Oliva Guerra e D. Carmen Marques, que tiveram a gentilissima lembrança de enviar a Norberto de Araujo um objecto de arte e violetas.

Enviaram tambem a sua adesão:

Antonio Maria da Silva, Vasco Borges, João Carlos de Melo Barreto, Matos Sequeira, Manoel de Sousa Pinto, Aquilino Ribeiro, Augusto Gil, Luis de Oliveira Guimarães, José Rangel de Lima, mgr. Santos Farinha, Luis Trigueiros, Albino Forjaz de Sampaio, Eduardo Schwalbach, José Parreira, João Franco Monteiro, Acurcio Cardoso, Rafael Ferreira, Boavida Portugal, M. Cardoso Marta, José Dias Sancho, Francisco Vidal, Lapas de Gusmão, Mario Barros, Paula Bastos, Fausto Vilar, João Rosa, João Regala, Gualdino Gomes, Santos Tavares, Ribeiro de Carvalho, Julião Quintinha, Trindade Coelho, Nuno Simões, Eduardo de Sousa, Bourbon e Menezes, Nunes Claro, João de Deus Ramos, João Correia de Oliveira, João de Barros, Martinho da Fonseca, Bemvindo Ceia, Ribeiro Cristino, João Vaz, Alfredo Morais, Tertuliano Marques, Guilherme Filipe, Eduardo Noronha, Sebastião Cardoso, Leote do Rego, Jaime Leitão, Caetano Beirão, Edmundo de Oliveira, Lino Ferreira, José Lopes Bispo, Caetano dos Reis, Nogueira de Brito, Alberto de Oliveira, Carlos Ferrão, Pedro Muralha, Martins Monteiro, Guardiano del-Negro, Arnaldo Carlos Mendes, Manuel Fabeiro Portas, Jaime das Neves Lança, dr. José de Arruela, Alvaro de Lemos, Bernardo Passos, Cosmelli de Sant'Ana, Rebelo Neves, dr. Costa Ferreira, Alfredo Vieira Pinto, Coelho de Sousa, Domingos Cruz, Eduardo Santos, Antonio Santos, Eugenio Aresta, Carlos Gomes, Octaviano Sá, Orlando Marçal, Eduardo Faria, Amadeu Alexandre, Mario Henrique, D. Virginia Quaresma, José Alves da Cunha, Seixas Pereira, José de Azamboja, Carlos Leal, Rey Colaço, Rafael Marques, Lutero de Moraes, Martins dos Santos, Salvador Saboia, Alexandre Barbosa, Artur Inês, Fernando Pardal, Higino Lagido, Rodrigues de Carvalho, Manuel Rodrigues, Jorge Santos, Alberto Barbosa, Verdu Martins, Ivo de Monforte, Garcês, Garibaldi Falcão, Arnaldo Pereira, Leal da Camara, Adriano Costa, Armando Ferreira, Cesar Frias, Dagoberto Guedes, Carlos Faro, Joaquim de Lima e Cunha, Neves de Carvalho e Pereira Coelho.

* * *

Assistiram ao banquete:

Ribeiro Lopes, Herculano Nunes, Alvaro de Andrade, dr. Jorge Faria, Artur Portela, Joshua Benoliel, Belo Redondo, Felix Correia, Manoel de Sequeira, Consiglieri Sá Pereira, Oldemiro Cesar, Alejo Carrera, Nobre Martins, dr. Gomes Mota, Jorge Barradas, Horta, Herminio do Nascimento, Afonso de Bragança, Norberto Lopes, Mario Salgueiro, Raposo de Oliveira, Armando Laiolo, Custodio de Mendonça, Vieira da Rosa, Eduardo de Sousa, Antonio Ferro, Feliciano Santos, Aprigio Mafra, Alberto de Sousa, Cristovão Aires, Miguel Martins, capitão Menezes Ferreira, dr. José Pontes, Augusto Ricardo, Pedro Bordalo Pinheiro, Silva Passos, José Paulo da Camara, Erico Braga, Paulo Freire, Santos Vieira, Rocha Junior, José Pacheco, Arnaldo Pereira, Rodrigues Lial, Abel Moitinho, Carlos da Mota Marques, Carlos de Vasconcelos e Sá, Agostinho Paulo e Baptista Horta.

Banco Colonial Português

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Escudos 10.000.000$00

Dividendo Complementar de 1921

6 % ou Escudos 6$00 cada acção (livre de impostos)

O pagamento deste dividendo efectua-se todos os dias a começar em 22 do corrente, das 10 ás 12 e das 13 e 1/2 ás 15 horas, excepto aos sabados destinados aos pagamento de dividendos, atrazados; em Lisboa na séde do Banco, no Porto e Chaves em casa dos nossos Agentes, srs. Pinto & Sotto Mayor.

O coupon a cortar relativo a este dividendo é o n.º 4.

Lisboa, 20 de Março de 1922.

Pelo Banco Colonial Português

(a) Henrique Augusto Ferreira — Director Gerente — (a) P. Bohnt.

A TARDE PARLAMENTAR

A LIQUIDAÇÃO DOS T. M. E.

A Camara levanta as imunidades parlamentares ao major sr. Cortez dos Santos

A minoria monarquica e o novo aumento de circulação fiduciaria

Está marcada para hoje a discussão da proposta que auctorisa o governo a celebrar um novo contracto com o Banco de Portugal, a fim de obter emprestimos até 240.000.000$00.

* * *

Em ordem do dia deve continuar a discussão do projecto que, suspendendo a lei 1:239, de 24 de fevereiro do corrente ano, determina que não se façam mais promoções no exercito senão em determinadas circumstancias.

* * *

Pelas conversas que surpreendemos nos Passos Perdidos, ha grandes divergencias quanto ao projecto que suspende as promoções nos quadros do exercito.

* * *

Antes da ordem, o sub-*leader* democratico sr. Victorino Guimarães propõe um voto de sentimento pela morte do sr. Patricio dos Prazeres, ex-parlamentar. A' homenagem associam-se os srs. Vicente Ferreira, pelos liberaes; Rego Chaves, pelos reconstituintes; Juvenal de Araujo, pelos catolicos, e Catanho de Menezes, ministro da Justiça, pelo governo.

* * *

Da bancada catolica, pede a palavra o sr. Diniz da Fonseca, para enviar para a mesa um projecto de lei satisfazendo varias reclamações do professorado primario. Depois, o sr. ministro do Comercio apresenta uma proposta, para que pede urgencia e dispensa de regimento, sobre os T. M. E. Reclama para ela a mais larga discussão, a fim de que não surjam duvidas quanto ás intenções em que se inspirou. O sr. Lima Bastos ainda produziu varias considerações ácerca da marinha mercante nacional, da crise que ela atravessa e do caos em que se encontra a administração daquele organismo autonomo do Estado.

* * *

O discurso do sr. Lima Basto prende a atenção do parlamento e, consequentemente, a do sr. Carvalho da Silva. S. ex.ª chegou a travar dialago com o sr. Almeida Ribeiro, que entendeu ser dever seu defender a moral do Estado republicano.

* * *

O sr. ministro do Comercio continua a desfiar as suas considerações. O sr. Carvalho da Silva rompe em ápartes que, em resumo, pretendem fazer crêr na honestidade do regime monarquico. Hilariedade nas varias bancadas e dois minutos de alvoroço que não logram perturbar o orador.

* * *

—Acima de tudo, pugno pela honestidade da Republica!—exclama o sr. Lima Basto.

—Apoiado! Apoiado! A Republica não cobre ladrões!—brada o sr. Sá Pereira, a plenos pulmões.

—E' isto a administração republicana! A fazerem a vida mais cara!—grita o sr. Carvalho da Silva.

—Os senhores não podem falar, são réus! Hão-de ir todos para a cadeia!—volve o sr. Sá Pereira.

* * *

Concluido o discurso do sr. ministro do Comercio, é lido na mesa um requerimento do ministerio da Guerra, pedindo o levantamento das imunidades parlamentares do deputado e major Cortês dos Santos, a fim de ser mantida a sua prisão na fortaleza de S. Julião da Barra. A Camara, unanimemente, aprova.

* * *

Uma nova proposta de lei:—do sr. ministro da Instrução, harmonizando as férias da Pascoa nos varios estabelecimentos de ensino. Aceita a urgencia e dispensa do regimento, é aprovada por toda a gente, incluindo os monarquicos.

* * *

São 16,30. Entra-se na ordem do dia:—novo contrato com o Banco de Portugal. Rompe o debate o sr. Carvalho da Silva, que condena o novo aumento da circulação fiduciaria.

«Não conheço nada que mais gravemente prejudique o futuro do país, as condições de vida de todo o país, do que as sucessivas emissões de papel-moeda. Das outras vezes, elas teem sido autorizadas em silencio mas agora, a minoria monarquica compromete-se a opôr a maior resistencia». Assim fala o deputado manuelista que, caso raro, ninguem interrompe com «não apoiados».

* * *

Outro trecho do discurso do sr. Carvalho da Silva:

—«A circulação fiduciaria atingiu numeros elevadissimos, apesar de não existir a reserva-ouro equivalente. E ela não vem servir um maior desenvolvimento do país, mas satisfazer os apetites do Estado republicano».

* * *

—«O Estado vai cavar a ruina completa da nação. E o sr. Barros Queiroz, que tanto tem condenado a inflação fiduciaria certamente se vai levantar da sua cadeira, para em nome do partido liberal, condenar a proposta governamental!»

* * *

—«Todos os economistas condenam o recurso á circulação fiduciaria, porque é o publico quem condena as custas do grande processo de bancarrota em que a Republica está empenhada».

Um incendio no batelão "Serra de Sintra"

Pelas 14 horas, no batelão L-1341, «Serra de Sintra», que estava atracado a uma muralha, junto da Avenida da India, declarou-se incendio.

O batelão estava carregado com mil caixas de gazolina e salvados do vapor «Luso», que há tempos ardeu na Cova da Piedade.

O fogo deve-se ao facto de ter sido arremeçado á agua, duma chalupa proxima, um fosforo que incendiou a gazolina que sobrenadava na agua, propagando-se rapidamente ao batelão.

Acorreram prontamente os bombeiros que, com o pessoal de bordo, conseguiram dominar o incendio e salvar as caixas de gazolina. O «Serra de Sintra» estava á descarga.

Expedição de malas postais

Pelo «Muansa» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando ás 9 os registos.

A morte do capitão Vaquinhas

Continuam as investigações

Os agentes Alvaro da Fonseca e Mira continuam nas suas investigações acêrca do misterioso crime de que foi vitima o capitão sr. Vaquinhas.

Foram novamente interrogados o torneiro Manuel Augusto dos Santos e sua mulher, Ana Nazaré Maia, que se encontram presos.

Administrador de Moimenta da Beira

Foi nomeado administrador do concelho de Moimenta da Beira, o sr. Acacio de Paiva Gomes, escrivão de direito daquela comarca.

ADVOGADOS

Pires do Vale

João de Vasconcelos

Luciano Barata

acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.

Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.

Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA

OS T. M. E.

A comissão de liquidação

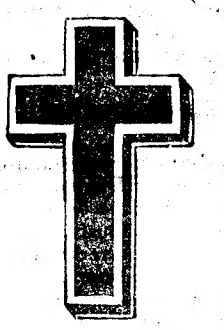
é presidida pelo ministro do comercio

A sua constituição

A comissão de liquidação dos T. M. E., proposta pelo sr. ministro do Comercio no diploma que apresentou hoje ao Parlamento, será constituida:

Pelo proprio ministro, servindo de presidente; um juiz do Tribunal da Relação de Lisboa ou do Tribunal do Comercio, que será nomeado pelo ministro da Justiça e servirá de vice-presidente; dois senatores eleitos pela respectiva Camara; três deputados; um vogal do Conselho Superior de Finanças; um oficial da Armada nomeado pelo ministro da Marinha; o director tecnico do Fomento do ministerio das Colonias.

Farão parte, ainda da comissão: o director dos serviços de contabilidade do ministerio do comercio; um delegado da secção «Navegação» da Associação Comercial de Lisboa ou da Associação dos Armadores, se já estiver constituida á data da publicação da lei; um delegado da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante; dois peritos contabilistas designados pelo Tribunal do Comercio de Lisboa e um perito contabilista designado pelo conselho de administração do Banco de Portugal.



D. ADELAIDE CHAVES

MISSA

Sua familia manda resar ámanhã, dia 21, na igreja do Coração de Jesus, pelas 11 horas da manhã, uma missa sufragando o 6.º mez do seu falecimento.

Desde já agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir ao acto.

José da Paixão Castanheira das Neves

FALECEU

O Conselho Geral do Banco de Portugal participa aos Ex.mos Srs. Accionistas o falecimento do Director deste Banco, Ex.mo Sr. José da Paixão Castanheira das Neves, e que o seu funeral se ha-de realizar ámanhã, 21 de Março, pelas quinze horas, saindo o prestito funebre da residencia do finado, rua do Salitre, 193-3.º, para o cemiterio Ocidental. Pede a s. ex.as a comparencia nesta ultima homenagem ao falecido.